



Érica Faleiro
Rodrigues

Cinema

Embargo, um objecto-quase

■ Estamos finalmente a dar importância ao ramo das materialidades nos estudos filmicos. Mas o que é isto do estudo das materialidades no cinema? É o estudo das dinâmicas na base do processo criativo, ou seja, dos modos de trabalho antes de chegarmos à obra final.

Recentemente, a propósito dos 20 anos desde a atribuição do Nobel a José Saramago, fui convidada a falar sobre um filme que se relacionasse com a obra do escritor. Escolhi o filme *Embargo* (2010), de António Ferreira, realizador que agora esgota salas pelo País fora com o seu mais recente filme, *Pedro e Inês*.

Para melhor compreender as materialidades do filme, entrevistei, entre outros, o argumentista Tiago Sousa, que me confessou não conseguir empatizar com o texto de Saramago, tendo realizado uma escrita de rejeição activa da obra. Como pode ser surpreendente a adaptação literária? Não já um trabalho de aproximação, mas sim uma operação de fuga. Para não falar da inspiração que Tiago Sousa levava consigo de um outro filme com um carro, o *Christine* (1983), de John Carpenter. O que o cativou não foi tanto Saramago, mas mais a ideia de um homem que fica aprisionado pelo próprio carro.

Num plano espiritual, talvez haja uma importante ponte entre Tiago Sousa e José Saramago, através da admiração profunda que o primeiro nutre por Franz Kafka e *A Metamorfose*: quer o conto de Saramago, quer o de Kafka, começam com uma figura que acorda. Algo que vinca em nós, leitores ou espectadores, a ideia de que tudo o que acontece com os personagens, por mais inconcebível que seja, não pode ser um sonho. No conto de Saramago temos o frio e a chuva. No filme de António Ferreira temos o calor e a cor do deserto. Foi o fazer-se das fraquezas forças, numa longa metragem com orçamento de curta, que teve de ser filmada sob o cume do calor estival de Coimbra. Igualmente devido ao calor, também várias cenas entre o personagem principal e a filha foram alteradas, pois não era suportável para uma criança que se fizesse de outro modo. E outro tanto divergiu do argumento, desde cenas que deveriam existir na escuridão, a discussões que seriam mais violentas.

Havia também dois ou três momentos onde o personagem principal sapateava. Estavam no argumento e foram cuidadosamente filmadas, mas foram deixado na sala de montagem, pois quebravam o ritmo do filme.

As materialidades são, assim, as hipóteses infundas; as que se concretizam e as que ficam por concretizar. A obra final é um objecto-quase, nunca finito.

Directora artística dos festivais utopia.co.uk e underscore.pt

